

## Experiência institucional

### “Amanhã você estará aqui?” O trabalho com objetos em uma instituição para crianças com dificuldades no laço social

Fernanda Cintra do Prado Pereira Bonilha

**Resumo.** Este artigo trata de uma experiência institucional de estágio no *Institut Médico Pédagogique Notre Dame de la Sagesse*, também conhecido como *Le Courtil*. O *Courtil* é uma instituição belga que acolhe crianças e jovens com impasses no laço social. A partir do caso clínico de uma garota de oito anos, discute-se a importância dos objetos para a invenção e o tratamento que o sujeito dá ao real. Demonstra-se que o tratamento é um trabalho singular realizado pelo sujeito em parceria com os interventores. A prática entre vários e a transferência são colocadas em evidência como dispositivos que favorecem esse trabalho.

**Palavras-chave:** autismo; psicose; objeto autístico; psicanálise aplicada; prática entre vários.

### « Est-ce que demain tu seras là ? » Le travail à partir des objets dans une institution pour enfants en difficulté au niveau du lien social

**Résumé.** Cet article est à propos d'une expérience institutionnel de stage à l'Institut Médico Pédagogique Notre Dame de la Sagesse, connu comme Le Courtil. Le Courtil est une institution belge qui accueille des enfants et des jeunes en difficulté au niveau du lien social. À partir d'un cas clinique d'une fille de huit ans, on discute l'importance des objets pour l'invention et pour le traitement du réel donné par le sujet. On démontre que le traitement est un travail singulier réalisé par le sujet en partenariat avec des intervenants. La pratique à plusieurs et le transfert sont mis en avant comme dispositifs qui favorisent ce travail.

**Mots-clés :** autisme, psychose, objet autistique, psychanalyse appliquée, pratique à plusieurs.

### “Will you be here tomorrow?” The work with objects in an institution for children with social bond difficulties

**Abstract.** This article is about an internship experience that took place at the *Institut Médico Pédagogique Notre Dame de la Sagesse*, known as *Le Courtil*. *Le Courtil* is a Belgian institution dedicated to the reception and treatment of children and young people with social bond difficulties. Based on a clinical case of an eight-year-old girl, the importance of objects for the invention and treatment of the real given by the subject is discussed. It is

---

\* Psicóloga. Psicanalista e Acompanhante Terapêutica, Sociedade Israelita Albert Einstein - Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis (PECP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [febonilha@gmail.com](mailto:febonilha@gmail.com)

shown that the treatment is a singular work carried out by the subject in partnership with intervening parties. The multi-person practice and the transfer are put forward as devices that favour this work.

**Keywords:** autism, psychosis, autistic object, applied psychoanalysis, multi-person practice.

## “¿Estarás aquí mañana?” El trabajo con los objetos en una institución para niños con dificultades en el lazo social

**Resumen.** Este artículo trata de una experiencia de pasantía institucional en el *Institut Médico Pédagogique Notre Dame de la Sagesse*, también conocido como *Le Courtil*. *Le Courtil* es una institución belga que acoge a niños y jóvenes con impasses en el lazo social. A partir del caso clínico de una niña de ocho años, se discute la importancia de los objetos para la invención y el tratamiento que el sujeto hace de lo real. Se demuestra que el tratamiento es un trabajo único realizado por el sujeto en compañía de los interventores. La práctica entre varios y la transferencia se destacan como dispositivos que favorecen este trabajo.

**Palabras clave:** autismo, psicosis, objeto autista, psicoanálisis aplicado, práctica entre varios.

“Segunda você estará aqui?”, “Você pode se sentar ao meu lado?”, “Você pode vir comigo à sala de brinquedos?”, “Verandá (como fui “rebatizada”) pode se sentar ao meu lado para comer?”, “A gente pode ir ao jardim?”, “Amanhã você estará aqui?”, “Amanhã eu estarei aqui?”<sup>1</sup>

Conheci Léna, de oito anos, entre setembro e novembro de 2018, no *Courtil*<sup>2</sup>, onde realizei um estágio. O *Courtil* é uma instituição orientada pela psicanálise lacaniana que fica na fronteira da Bélgica com a França e que acolhe crianças e jovens com impasses no laço social a partir do dispositivo da prática entre vários<sup>3</sup>. A instituição se organiza atualmente em grupos de vida diária, divididos por faixa etária, e prioriza invenções a partir do cotidiano como forma de tratamento para o real. Alguns dos acolhidos pernoitam no espaço de segunda à sexta-feira e outros chegam pela manhã e retornam para casa ao final do dia. Além das atividades cotidianas, como momentos de refeição e higiene pessoal, eles vão à escola, têm momentos de lazer e frequentam ateliês mobilizados pelo desejo dos interventores. Estes propõem momentos de saída, atividades de artes plásticas, teatro, música, costura, jardinagem, culinária, dentre outras.

Se Freud (1914/2010) afirmou a impossibilidade de cura da psicose pela psicanálise, Lacan (1956-57/1988) nos ensinou a não recuar diante dela e nos convocou a assumir a posição de “secretários do alienado” (p.241). Tal posição implica acompanhar o sujeito psicótico em seus próprios caminhos. Como seu desdobramento, a prática entre vários é um dispositivo da psicanálise aplicada que contempla uma intervenção institucional que, através da permuta de profissionais, visa a regulação do gozo de crianças e jovens autistas e psicóticos (Seynhaeve, 2013; Mariage, 2013)<sup>4</sup>. Sua principal premissa não é o dispositivo analítico estrito, mas a utilização dos ensinamentos da psicanálise para criar um lugar de vida, “uma atmosfera vivível” para sustentar as subjetividades e invenções singulares de cada um dos acolhidos na instituição (Ciaccia, 2005/2010, p.98; Seynhaeve, 2013<sup>5</sup>). A permuta dos profissionais pluraliza a

<sup>1</sup> Agradeço à Léna, que trabalha bravamente e que muito me ensinou sobre a clínica com objetos. À equipe do Qu4tour no *Courtil*, especialmente à Josephine Duquenoy e Véronique Robert pelas supervisões. À Carina Faria pela acolhida no outono belga e escuta generosa que possibilitou a conclusão desse artigo.

<sup>2</sup> <http://www.courtil.be/courtil/>

<sup>3</sup> A expressão « pratique à plusieurs » foi cunhada por Jacques-Alain Miller em 1992 para nomear a prática inédita desenvolvida em Antenne 110 a partir de 1974 (Ciaccia, 2005/2010).

<sup>4</sup> Bernard Seynhaeve e Véronique Mariage em entrevista a Mariana Otero, publicada em *À ciel ouvert, entretiens*.

<sup>5</sup> Todas as referências a B. Seynhaeve têm por fonte a entrevista a M. Otero.

transferência, visa esburacar o Outro e apaziguar o sujeito, uma vez que se trata de sujeitos que à priori estão referidos a um Outro não barrado, onipresente e onisciente. Aposta-se que um sujeito apaziguado poderá então endereçar suas invenções aos adultos parceiros. Do ponto de vista do trabalho dos interventores, na prática entre vários, cada praticante responde por si no encontro com as crianças e a construção do caso clínico se faz em conjunto, nas reuniões de equipe semanais.

Desde o dia em que fui apresentada a Léna como estagiária do grupo, ela passou a me seguir feito uma sombra pela casa e fazia uma série de perguntas a mim e a quem estivesse por perto e pudesse responder às suas solicitações. É do trabalho de Léna, com suas questões em torno dos objetos, que trata este artigo.

Léna foi encaminhada à instituição em janeiro de 2017, aos seis anos, com grandes crises de angústia. Ela ficava muito assustada com diferentes barulhos, como o do aspirador e dizia que certos objetos como a privada e a torradeira a olhavam em demasia. À época, por indicação médica e jurídica, Léna já passava a maior parte da semana sob os cuidados de uma família de acolhimento, mas visitava os pais com certa regularidade. Poucos meses depois de sua chegada ao *Courtil*, sua mãe faleceu após um período de hospitalização.

Após a morte da mãe, Léna passou a perguntar constantemente aos adultos: “Onde está mamãe?”. Em trabalho com uma interventora, passado um tempo, ela formulou: “Mamãe está no céu, ela virou uma estrelinha”, construção que a ajudou a se apaziguar. Quando a conheci, ela formulava inúmeras questões a respeito do desaparecimento, através de jogos que ela criava com diferentes objetos. Léna carregava entre os dedos diversos pequenos objetos como a bola transparente, a pequena bola verde, a abóbora laranja de brinquedo, a fivela preta e a bexiga preta – formas como ela os nomeava – e aproximava-os dos olhos como se olhasse através deles. Também carregava uma bolsa, na qual colocava outra série de objetos, ou usava-a para guardar alguns dos que estavam em suas mãos, trocando-os pelos que estavam na bolsa e vice-versa. Ela possuía dois nichos no armário na entrada do grupo: um para guardar objetos trazidos de casa, os quais ela levaria consigo ao final do dia, e outro para objetos do *Courtil*.

Com esse excesso de objetos, Léna se desmontava no chão e gargalhava sem motivo. Então, alguém os colocava de lado: “Estão te atrapalhando, vou deixá-los em cima da bancada e você os pega ao final da refeição”. Contudo, se lhe tiravam todos abruptamente, Léna gritava e se jogava no chão. Certa vez, enquanto eu a acompanhava e ela não tinha nada nas mãos, notei que se apoiava na parede e parecia que seu corpo estava mole e que cairia no chão caso não tocasse a parede enquanto caminhava. Ela me procurava mais por minha presença próxima a seu corpo do que para brincar comigo. O jogo para o qual me convidava consistia em lançar uma bolinha de uma à outra sem regra alguma. Em certas ocasiões, escondia alguns objetos em lugares inusitados – como fazia com a tampa de uma panela no tanque de areia. Quando finalmente encontrávamos esse ou aquele objeto, ela nos dizia: “Isso me faz rir!”.

Na primeira vez em que ela me seguiu e me viu entrar pela porta do banheiro, me perguntou: “Verandá, você está onde?”. Isso me causou estranhamento: ela não vira que eu acabara de passar pela porta? Será que o fato de eu não estar em seu campo de visão a fazia crer que eu desaparecera? Dias depois eu a acompanhei brincando repetidamente com uma bolinha. Ela a

jogava, recuperava e jogava-a novamente, até que a bolinha passou por uma porta e parou atrás de uma parede. Diante disso, ela me perguntou:

— Verandá, onde está a bolinha amarela?

— Não sei. Onde ela está? — perguntei.

— Atrás da parede, você pode ir pegá-la?

Apreendi rapidamente que mais interessante do que responder às perguntas de Léna era devolvê-las a ela, pois normalmente ela sabia a resposta. Por que, então, perguntava? O desaparecimento e reaparecimento de seus pequenos objetos, bem como dos corpos dos interventores e estagiários na instituição seguiam incessantemente colocando questão à Léna. No *Courtil*, escutei repetidamente: “Cada um com seu objeto, cada um em seu trabalho!”<sup>6</sup> – ensinamento que aponta que é o sujeito quem trata o gozo que o invade a partir de suas invenções e que, ao lado dele, os adultos se colocam como parceiros que medeiam esse trabalho (Seynhaeve, 2013).

A fim discutir a pertinência do trabalho de Léna em torno do desaparecimento e da falta, exponho, a seguir, outras vinhetas em que o desaparecimento se apresenta para ela como questão. Trago, por fim, alguns aspectos da transferência estabelecida comigo e da relevância do Outro e de outros para a continuidade desse fazer com os objetos.

## **Bolas de boliche**

Numa tarde em que fomos ao boliche, Léna carregava consigo uma joaninha – uma casca de noz pintada de azul e preto com dois grandes olhos que ela havia bricolado pela manhã. Foi-lhe explicado que, para jogar, ela precisaria ter as mãos livres e, portanto, guardar sua bricolagem no bolso. Ela insistiu, então, que eu a guardasse em minha mochila. Fascinada pelas grandes bolas coloridas de boliche e ao notar o funcionamento da pista, ela me perguntou animada: “Verandá, se eu jogar essa bola por aqui ela vai voltar por ali?” Léna fez muitos pontos e ganhou o jogo, mas não deu a menor importância a esse fato. Por outro lado, seu corpo vibrava a cada vez que ela via as bolas lançadas por ela retornarem.

Na saída do boliche, deixaríamos Léna em casa. Sentada ao meu lado e olhando minhas galochas verdes, ela pediu para ver meus pés. Respondi-lhe que naquele dia não seria possível, e ela, então, me perguntou:

— Verandá, de que cor são seus pés?

— Da cor da minha pele, veja a minha mão.

— De que cor são os meus pés?

— Da cor da sua pele, veja a sua mão.

Ela tirou suas botas e meias e prosseguiu:

— A minha barriga é da cor da minha pele?

— O que você acha?

— Sim!

Léna abriu um sorriso satisfeito e seguiu:

— Verandá, amanhã eu estarei aqui?

---

<sup>6</sup> « Chacun à son objet, chacun à son travail ! »

Eu disse a ela que sim, que certamente ela estaria. Mas, angustiada, ela insistiu, repetindo a pergunta. Então, a interventora que dirigia o carro lhe perguntou:

— Você gostaria de estar aqui amanhã?

— Sim.

— Então você estará.

E foi quando finalmente Léna se apaziguou.

## A despedida

Em meu último dia de estágio, após o anúncio de minha partida, Léna me encontrou na cozinha e me perguntou:

— Verandá, você vai aonde?

— Vou voltar para a minha casa, no Brasil.

— E quando é que você vem me ver?

— Bom, não vamos mais nos ver. A minha casa fica muito longe daqui para eu ir e voltar.

— Mas segunda você estará aqui?

— Segunda não estarei aqui...

— Mas você vai ficar triste?

Essa pergunta me comoveu, pois, de fato, eu estava triste por ir embora.

— Um pouco. Mas também estou feliz por voltar para a minha casa. Estava previsto assim: vir para cá, passar um tempo, voltar para casa...

— Mas por que você vai ficar triste?

— Porque eu gosto muito do *Courtil*, vou sentir falta do trabalho com as crianças, dos rituais diários, do ateliê de vídeo, do lanche da tarde, do bolo de chocolate...

Léna insistiu:

— Mas por que você vai ficar triste?

Eu já estava atrapalhada para respondê-la, tocada pela despedida, quando uma interventora entrou na cena para nos salvar; salvar ao menos a mim, que já não sabia como falar da ausência que me tomava naquele momento sem que isso angustiasse Léna.

— Não vamos nos preocupar com isso! Fernanda vai nos enviar um e-mail contando as novidades. Ela vai nos enviar uma foto dela na casa dela, com a data, nos contando onde ela está. E nós vamos ver no mapa onde fica o Brasil!

E outra arrematou:

— Fernanda não estará mais aqui, mas ela não vai desaparecer. Ela vai estar em outro lugar.

Então, de maneira inédita, Léna me olhou com seus olhos enormes, como normalmente olhava através dos objetos, e me disse:

— *Au revoir!*<sup>7</sup>

Fiquei perplexa com sua rápida resolução e não consegui responder a ela, que repetiu articulando bem as sílabas, me olhando nos olhos e esperando a resposta:

— *Au-re-voir!*

Então respondi:

---

<sup>7</sup> Traduzimos « au revoir » por tchau, mas literalmente poderíamos traduzir por “até a vista”.

— *Au revoir!*

E finalmente, após três meses me seguindo, Léna se virou de costas para mim e, em companhia de uma das interventoras, saiu pela porta da cozinha para ir ao seu armário guardar alguns dos objetos que segurava nas mãos e pegar outros.

## Objetos e circuitos

Se nos valêssemos da teoria psicanalítica de forma apressada, poderíamos rapidamente tomar o trabalho de Léna como o jogo de *Fort/Da* descrito por Freud em 1920. Do ponto de vista freudiano, a repetição inerente a esse jogo introduz a matriz simbólica para o sujeito, ou seja, a criação de uma articulação dialética entre presença e ausência, da qual o sujeito faz uso para elaborar a ausência da mãe.

Se não se trata precisamente da repetição freudiana, de que repetição se trata? No seminário 11, Lacan destaca esse jogo como efeito da hiância que se funda pela perda do objeto *a*. No cerne do jogo presença/ausência, está a perda do objeto *a*, a partir do qual se desenha a hiância sempre aberta como causa de um “traçado centrífugo” (1964/2008, p.66) e através do qual a cadeia significante se institui. Temos aí a fundação da dialética do desejo. A partir desse ponto, o sujeito busca satisfazer o desejo, mas passa de uma coisa à outra, uma vez que a hiância do desejo não pode ser saturada por nenhum objeto. Na perspectiva lacaniana, o carretel do neto de Freud denota o objeto perdido, o objeto *a* que, ligado ao sujeito por um fio, exprime uma automutilação, “alguma coisinha do sujeito que se destaca embora sendo ainda bem dele, que ele ainda segura” (Lacan, 1964/2008, p.66). Nesse momento do ensino de Lacan, o uso desse objeto é a solução encontrada pelo sujeito para lidar com o traumático da perda do objeto e com o imperativo de se haver com a falta. Temos uma repetição diversa daquela que lê a hipótese freudiana como simples necessidade de restituir a presença da mãe. O que se coloca em jogo para Lacan é a repetição enquanto *tiquê*: insistência do real pelo advento da contingência. Simbólico e imaginário se articulam para tratar o real, ainda que algo escape e o sujeito derrape na tentativa de circunscrevê-lo. Ou seja, em concomitância, esse último registro faz furo nos dois primeiros, denotando o impossível de tudo dizer a partir do campo da linguagem. Seguindo com Lacan (1964/2008), estaria em *tiquê* a causa da divisão (*Spaltung*) do sujeito, superada pelo uso que ele faz do objeto. É no carretel – ou, se quisermos, no objeto – que o sujeito está designado.

A morte, na medida em que não tem representação no inconsciente (Freud, 1916/2010), se aproxima do real lacaniano, e aqui evocamos ao real definido como inapreensível ou inominável. No caso de Léna, o *Fort/Da*, tal como Lacan o retoma, nos interessa para discorrer sobre o uso que ela faz dos objetos e a finalidade de seu trabalho para lidar com a falta com a qual ela é compelida a se haver a partir da morte de sua mãe. Nesse sentido, o jogo de fazer ir e vir os objetos pode ter surgido da necessidade de uma invenção de Léna, da mesma forma que a equipe passou a se servir desse jogo para uma regulação do gozo que a invadia.

Ressaltamos a importância dos objetos externos acoplados ao corpo das crianças autistas e em certos casos de psicose no tratamento, uma vez que elas se pacificam pela extração e pelo deslocamento desses objetos, e alargam seu mundo pela inclusão de novos objetos nos circuitos que empreendem (Laurent, 2012/2014). Peças de roupas, armaduras de heróis do cinema ou bolinhas entre os dedos, no caso de Léna, são *objetos* que bordejam o corpo – proteções

necessárias frente às manifestações do Outro e que têm estrutura destacável. São objetos “fora do corpo”, restos do encontro com o Outro que, mediante intervenção, podem se ligar a uma montagem do corpo. Nos autismos e nas psicoses, a falta de objeto não se institui pela mediação do simbólico, e não é a dialética do desejo que se põe em causa. Com efeito, a ausência ou a perda de um objeto não é tomada como falta simbólica, mas como puro real de mutilação e angústia. Diante dessa perda, o sujeito se retrai em uma borda para se proteger.

Em relação à Léna, notamos a pertinência dos objetos para que seu corpo adquirisse consistência; do contrário, ela perdia tônus e caía desmantelada no chão. Por outro lado, o excesso de objetos a atrapalhava e ela era invadida por gargalhadas sem motivo e pelo ímpeto de quebrar copos jogando-os no chão. Entre muitos objetos e nenhum, era preciso negociar para que ela tivesse alguns; assim, o fracionamento e a contagem de objetos eram modos eficazes de fracionar o gozo. Com a troca de objetos das mãos para o armário e do armário para a bolsa, ela criava pequenos circuitos que a apaziguavam. Munida de alguns objetos, ela circulava pela instituição, frequentava alguns ateliês e podia se dirigir aos adultos com suas perguntas.

### **Desaparecimento: angústia, fazer e invenção**

Ainda que os pequenos objetos de Léna conferissem consistência a seu corpo, eles não eram suficientes para garantir a permanência dela no espaço. Isso é bastante claro quando, ao meu lado, apoiada em meu corpo, ela se dá conta de que a pele é uma borda que a reveste e liga pés, pernas, barriga, tronco e braços. Contudo, notamos a fragilidade dessa construção quando na sequência, angustiada, ela pergunta: “Amanhã eu estarei aqui?”. “Aqui onde?” me perguntei. Quando estávamos na estrutura física do grupo, essa era uma pergunta que ela fazia constantemente e que eu associava à montagem de sua rotina. Inicialmente, eu escutava nessa pergunta uma espera de que o outro assegurasse que no outro dia ela iria novamente ao *Courtil*, pois constantemente ela fazia uma pequena sequência metonímica que a localizava: “Amanhã venho ao *Courtil*, tenho escola, depois almoçamos, depois temos ateliê de vídeo, tomamos lanche e eu volto pra casa!” Uma repetição do tipo *automaton*, com a qual ela tentava se inscrever naqueles espaços. Entretanto, naquele dia, como estávamos no carro, em trânsito, me ocorreu a hipótese de que ela estivesse perguntando sobre a constância de seu próprio corpo. Vale dizer que na língua francesa o verbo ‘*être*’ (ser) é utilizado com o sentido de ser e de estar, uma vez que não existem, como em português, dois verbos que estabeleçam essa diferença. É quando Léna pergunta se vai estar ali que me ocorre a hipótese de que ela perguntava: “Amanhã eu serei?”

Já apontamos que há, no trabalho de Léna, um mais além do que fora descrito por Freud (1920/2010) a partir da observação de seu neto. Ora, para o sujeito autista, o registro simbólico não se constitui enquanto possibilidade de dialetizar presença e ausência, sendo uma o avesso da outra. O falo como representante da castração é um recurso que advém com o simbólico, é o significante que presentifica a falta. No discurso do sujeito que conta com esse recurso, a falta aparece escamoteada por um significante que imaginariamente a suprimiria e, assim, presença e ausência estão sempre articuladas.

Quando não se tem à mão o recurso ao falo, a ausência não se articula à presença. No seminário 4 (1956-57/1995), Lacan enuncia que só seria possível bordejar a falta real através do simbólico. A falta real, também chamada privação, aponta para o inexorável da condição

humana e, mais adiante no ensino dele, será articulada ao objeto a. Em outras palavras, a privação implica o sujeito ser privado de algo que ele, por definição, não tem. “Portanto, diremos que a privação, em sua natureza de falta, é essencialmente uma falta real. É um furo.” (Lacan, 1956-57/1995, p.36). Na sequência ele esclarece como real e simbólico estão intrincados nessa questão:

como é que alguma coisa poderia não estar em seu lugar, não estar num lugar onde, justamente, não está? Do ponto de vista do real, isso não quer dizer absolutamente nada. Tudo o que é real está sempre e obrigatoriamente em seu lugar, mesmo quando se o perturba. [...] A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. É na medida em que definimos pela lei o que deveria estar ali que um objeto falta no lugar que é seu. (Lacan, 1956-57/1995, p.38).

O exemplo com o qual ele nos esclarece este ponto é o da metáfora da biblioteca. Quando buscamos um livro que não está na biblioteca, embora ele não esteja lá, ele tem um lugar designado; ele “falta em seu lugar”. Lacan continua: “Quando falamos de privação, trata-se de objeto simbólico, e de nada mais” (1956-57/1995, p.38). Temos então que, quando a falta é real, o objeto que falta é simbólico. Em outras palavras, é a dimensão simbólica do objeto, o falo, como representante da falta, que pode nos apontar que algo falta ao real.

Voltando a Léna, não se trata de afirmar que a falta não se apresentava para ela. Pelo contrário, por contingência ela poderia se apresentar a qualquer momento, por exemplo, quando ela se deu conta de que eu estava de partida e de que não estaria na instituição na segunda-feira. Ocorre que, pelo fato de não ter recursos simbólicos para nomear a falta, esta era vivida por Léna como pura angústia. Nesses momentos, ela se deparava com o real, tal como desmoronava no chão quando lhe tiravam todos os objetos de uma só vez e ela, ou quando, ao notar a unificação de seu corpo através do olhar e da colagem com o corpo do outro, temia desaparecer caso esse outro não estivesse presente para vê-la e outorgar-lhe uma imagem.

Referida a esse ponto, Léna perguntava insistentemente: “Amanhã eu estarei aqui?”, “Segunda você estará aqui?”, “Mas quando é que você vem me ver?”. Eram questões que colocavam em jogo a garantia de que o outro estaria ali para ela, dando-lhe alguma ancoragem pela presença física e pelo olhar. A falta do outro era também seu desmantelamento. Arrisco dizer que a obstinação de Léna de fazer desaparecer e reaparecer os objetos, assim como as perguntas repetidas em torno desse ir e vir, apontam para um trabalho em torno da inscrição da falta, em uma tentativa de apreendê-la com recursos da sua invenção, um ensaio que ela fazia constantemente para colocá-la sob seu domínio. Os objetos de que Léna necessitava para dar suporte a seu corpo, na medida em que se descolavam dele, passavam a fazer parte de uma invenção a serviço dela. É assim que ela nos ensina, muito claramente, sobre a invenção e sobre o fazer do sujeito autista pelo objeto como solução para tratar aquilo que o angustia. Léna inventou uma espécie de *Fort/Da* artificial, com o qual, a cada vez, colocava em cena a questão da falta e de sua elaboração a partir da costura do espaço. A bolinha estava ora em seu campo de visão, ora atrás da parede. Mamãe morreu, mas estava no céu, havia virado uma estrela. Fernanda não estaria no *Courtil*, mas não iria desaparecer, estaria no Brasil e lhe enviaria uma foto, como as interventoras tiveram condição de nomear. Nota-se que não é uma solução metafórica que institui a falta simbólica através do falo. É uma construção constante, sobretudo visível e palpável, da qual ela lançava mão sempre que houvesse necessidade.

Segundo Carbonell (2019), a invenção serve ao autista como tratamento do real a partir da contingência e do imprevisto, e aparece como efeito de uma descoberta do sujeito. Ela não se

dá sem o Outro, nem sem certos outros, e é mais bem sucedida conforme suscita satisfação no outro. Ainda que a cada vez fosse preciso lançar mão da invenção – ou de uma nova invenção – para apaziguar a angústia, ou, nas palavras do autor, para enodar linguagem e gozo produzindo uma operação sobre o real, há, nesse trabalho de Léna, uma eficácia de tratamento apoiada na singularidade dela, e essa eficácia pode ser testemunhada por outros. Tais proposições nos convocam a falar sobre a transferência.

### **Transferência e objeto: considerações finais**

Dias após minha chegada ao Brasil, encontrei em minha mochila uma noz pintada de azul e preto com dois grandes olhos: a bricolagem de uma joaninha. Tirei uma foto com esse objeto peculiar e escrevi um e-mail à Léna dizendo que eu havia chegado bem em casa, contando a ela que sua joaninha acabara vindo comigo e retomando nossa ida ao boliche, o ir e vir das bolas coloridas.

O analista ocupa na transferência o lugar de objeto a, causa de desejo, como aquele que pode ser investido pela economia libidinal do sujeito, a fim de este endereçar àquele a demanda, e vir a produzir um saber inconsciente (Lacan, 1964). A partir das vinhetas clínicas apresentadas, podemos pensar em alguns eixos da transferência.

Primeiramente, Léna se servia de mim colocando-se ao meu lado para que eu fizesse alguma borda para seu corpo. Eu era também a estagiária que vinha vê-la e que lhe assegurava alguma permanência pelo meu olhar. Pode-se pensar ainda que eu também encarnei um Outro com o qual ela pôde consentir e fazer parceria para seguir com o trabalho que empreendia com os objetos. Ressalto que Léna me chamava por um nome que não era propriamente o meu: Verandá é uma invenção particular que localizava um Outro específico a quem ela pôde endereçar parte de seu fazer.

Berni (2015) aponta o lugar privilegiado do estagiário em instituições para crianças em grave sofrimento psíquico, como o *Courtil*: o estagiário está na instituição e ao mesmo tempo não pertence a ela, é inexperiente, muitas vezes estrangeiro e, do ponto de vista do imaginário das crianças e dos jovens, está mais do lado do não saber, da falta, e, portanto, de um Outro barrado que nada quer deles. Se a instituição se articula em torno do furo e do não saber (Ciaccia, 2005/2010), sem a priori frente às invenções das crianças e dos jovens, a posição do estagiário é propícia para se fazer parceiro deles.

Ainda em relação à parceria, retomando as passagens aqui descritas, veio-me à lembrança uma anedota do início do meu estágio. No dia em que nos conhecemos, Léna me pediu que eu fosse com ela à sala de brinquedos e solicitou que eu enchesse uma piscina inflável. Era a primeira vez que eu a via, eu nada sabia sobre ela, e achei que não havia mal algum em atendê-la, pois a única pista que eu tinha de como estar ali era a de avizinhar-me dos interesses daqueles que se apresentavam a mim. Passados alguns minutos, uma interventora nos encontrou e nos deu uma grande bronca: Léna estava atrasada para ir à escola e eu, que nada sabia sobre a rotina dela, segundo a posição daquela profissional, não deveria intervir com uma única criança, mas estar sempre com um grupo maior. Agora me pergunto se não foi esse evento que inaugurou a transferência e a possibilidade de Léna endereçar a mim o seu trabalho, pois a bronca da interventora me colocou em pé de igualdade com ela e escancarou que eu nada sabia sobre ela

e sobre a instituição, além de me submeter a um código, um Outro, que regia o que eu poderia ou não saber ou fazer no encontro com as crianças.

Finalmente, a proximidade de minha ausência escancarou que eu era também um dos objetos de Léna: ora no interior de seu campo de visão, ora fora dele, em um dualismo que a ajudava a tecer um saber sobre a falta. Poderia haver outro lugar para além do que ela via? Poderia ela mesma desaparecer se não fosse vista? Na falta de um recurso simbólico que fizesse frente ao absoluto da ausência, Léna se colocava a trabalhar e a construir uma saída para que se angustiasse menos a cada vez que se deparava com o real. Em seus jogos, ela mesma produzia esse encontro, quiçá num ensaio para construir outra possibilidade de ausência. Se contribuí com a continuidade desse trabalho, foi porque, após um período durante o qual assegurei a Léna alguma permanência, fui me localizar fora de sua vista, mas em um lugar que existe no mapa, do qual se pode tirar uma foto, onde sua noz veio pousar também, e do qual ela pôde ter notícias. Entre a presença e a ausência absoluta, apostava-se que Léna podia enodar uma invenção singular sobre o real.

## Referências

- Berni, J. T. (2015). *A presença do estagiário numa instituição para crianças em grandes dificuldades psíquicas* (dissertação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Carbonell, N. (2019). L'invention à la lettre. *Courtil en lignes*, no24. Pratique hors les normes. Disponível em <https://www.courtilpro.be/courtilenlignes/index.php/revue/article/24-pratiques-hors-les-normes/clinique/l-invention-a-la-lettre>
- Ciaccia, A. di. (2005). À propos de la pratique à plusieurs. In: HALEUX, Bruno (Org.), *“Quelque chose à dire” à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à L'Antenne 110*. Éditions Michèle. Paris: 2010, pp.97-103. Publicado originalmente In: Les feuillets du Courtil, Champ freudien en Belgique, n°23, 2005.
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P C. de Souza, trad., Vol. 12, pp 13-150). São Paulo: Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1914.
- Freud, S. (2010). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In S. Freud, *Obras completas*. (P C. de Souza, trad., Vol. 12, pp 209-246). Trabalho original publicado em 1916.
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas*. (P C. de Souza, trad., Vol. 14, pp 161-239). Trabalho original publicado em 1920.
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 3: As psicoses, 1955-1956*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira: Alúcio Menezes. 2ª edição revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto, 1956-1957*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão Brasileira: M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar.

Laurent, E. (2014). *A batalha do autismo: da clínica à política*. (C. Berliner, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Otero, M.; Bremond, M. (2013). *A ciel ouvert, entretiens. Le Courtil, l'invention au quotidien*. Paris: Buddy Movies.

**Revisão gramatical:** Viviane Veras

**E-mail:** viveras@gmail.com

Recebido em março de 2022 – Aceito em abril de 2023.